

SALVADOR!
CONSIDERAÇÕES SOBRE O MECANISMO DA PARANOIA

*Maria Anitta Carneiro Ribeiro**
*Gilber Vieira Ferreira***

RESUMO: Salvador Dalí foi um artista múltiplo. Além de sua maravilhosa obra pictográfica, deixou-nos numerosos escritos. Este artigo se baseia em alguns destes escritos e no trabalho de alguns de seus biógrafos para estudar a contribuição que o "Caso Salvador Dalí" pode dar ao estudo da paranóia.

PALAVRAS-CHAVE: Paranóia. Delírio. Foraclusão.

***Maria Anitta Carneiro Ribeiro.** Pós-doutora em Psicologia pela PUC-RJ e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Coordenadora acadêmica e professora do curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC – RJ, Professora do Mestrado e doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga e Almeida, RJ, Analista membro (AME) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano e do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro. Endereço: Rua Getúlio das Neves, 40/101 - Jardim Botânico – RJ – CEP 22471-160. Tel.: (21) 3322-6915. E-mail: mariaanitacarneioribeiro@yahoo.com.

****Gilber Vieira Ferreira.** Psicólogo Clínico, Graduação em Psicologia pela UNESA RJ, Especialista em Psicanálise pela UFJF – MG, Mestrando em Psicanálise pela Universidade Veiga de Almeida – RJ. Endereço: Av. Alm. Adalberto de Barros Nunes, 5081 - Bairro Retiro, Volta Redonda - RJ - CEP 27274-200. E-mail: gilbernaar@ig.com.br.

Introdução

Já no fim de sua vida em 1939, Freud recebeu em Londres um “jovem espanhol, com seus ingênuos olhos de fanático”, que o fez rever sua opinião, em geral negativa, sobre os surrealistas. Estes o haviam escolhido, em suas próprias palavras, “como santo padroeiro”, e Freud retribuiu esta gentileza considerando-os “totalmente loucos (digamos noventa e cinco por cento, como o álcool absoluto)” (Freud apud ROUDINESCO, 1988, pp. 48-49).

O jovem pintor Salvador Dalí, havia sido apresentado a Freud por carta, pelo escritor Stefan Zweig, seu amigo, e os olhos ingênuos do rapaz, haviam feito o pai da psicanálise amolecer e cogitar que talvez “seria de fato muito interessante a gênese de um quadro desse gênero”. Mas conclui que “trata-se de qualquer modo, de sérios problemas psicológicos” (ibid).

Dalí narra, a seu modo, este encontro: “Ao contrário de minhas esperanças, falamos pouco, mas nos devorávamos mutuamente com o olhar. Freud sabia pouco de mim, a não ser da minha pintura, que admirava [...] Antes de partir queria lhe dar uma revista, onde figurava um artigo meu sobre a paranóia [...] Freud continuou me olhando fixamente sem prestar a menor atenção a minha revista. [...] Diante de sua imperturbável indiferença, minha voz se fez involuntariamente mais aguda e mais insistente. Então, sem deixar de me olhar com uma fixidez para a qual parecia convergir todo o seu ser, Freud exclamou, dirigindo-se a Stefan Zweig: Nunca vi exemplo mais completo de um espanhol. Que fanático!” (DALÍ, 2003, pp. 282-283).

Dalí tem, ao longo de sua obra escrita, várias referências a Freud. Na dedicatória de seu livro *Diário de um gênio*, diz “Dedico este livro a meu gênio Gala Gradiva, Helena de Troya, Santa Helena, Gala Galatea Placídia” (DALÍ, 2003, p. 925).

No capítulo 15 deste mesmo livro, escreve: “Agradeço uma vez mais a Sigmund Freud e proclamo mais alto do que nunca suas grandes verdades. Eu, Dalí, que me acho submerso em uma ininterrupta introspecção e em uma análise meticulosa de meus próprios pensamentos, acabo de descobrir, de repente, que, sem me dar conta, que durante toda a minha vida não pintei outra coisa, senão os chifres de rinoceronte” (ibid p. 979).

Freud tinha oitenta e dois anos quando conheceu Dalí. Jacques Lacan que era apenas três anos mais velho que Salvador Dalí, tornou-se amigo e companheiro dos surrealistas franceses, tendo inclusive publicado na revista deles, *Minotauro*. Em 1930, Dalí escreve um texto provocativo intitulado “O asno podre” e Lacan o procurou para conversar a respeito.

Dalí o recebe com um pedaço de esparadrapo na ponta do nariz, e Lacan nada comentou. Segundo Roudinesco (ibid p. 128), “Lacan se apercebeu que Dalí trazia um novo sopro de vida ao movimento surrealista com a elaboração de sua noção de paranóia crítica”. Tudo isto correspondia ao que Dalí definiu como *método espontâneo de conhecimento irracional*, baseado na associação interpretativa crítica dos fenômenos delirantes.

Dalí nasceu às 08h45 de 11 de maio de 1904, no número vinte da Rua Monturiolin, em uma pequena vila de comerciantes de Figueres. Passou sua infância na costa de Cadaques, de onde seu pai, notário, era originário. É neste local, em 1929, que conhece seu grande amor, a bela senhora chamada Gala.

Salvador Felipe Jacinto Dalí i Domènech, 1o marquês Dalí de Púbol, conhecido como o grande Salvador Dali foi um pintor de técnica muito refinada, escultor, desenhista, escritor e cineasta catalão. Muito pequeno, Dalí foi levado pelos pais para visitar o túmulo de um irmão morto de gastroenterite, três anos antes de seu nascimento. Al os pais afirmaram que Dalí era a reencarnação deste irmão, fato em que acreditou piamente. Certa vez disse: “Eu vivi a morte antes de viver a vida”. Felipa Domènech Ferrés sua mãe, incentivou os esforços artísticos do filho. Dalí também teve uma irmã, Ana Maria, que era três anos mais nova do que ele. Em 1949, ela publicou um livro sobre seu irmão, *Dalí visto por sua irmã*. Dali descobriu a pintura em 1916 durante uma viagem a cidade litorânea de Cadaques, com a família do pintor impressionista Ramón Pichot. Em fevereiro de 1921, sua mãe morre de câncer de mama. Salvador ficou muito mal, pois a amava intensamente. Após a morte de Felipa Domènech Ferrés, o pai de Dalí casou-se com a irmã da falecida esposa. Dalí não se ressentiu deste casamento, como alguns pensam, pois, ele tinha um grande amor e respeito à tia. Contudo, a relação tão intensa que tinha com a mãe, talvez explique seu amor por Gala e o muito que sofreu por ela¹.

Em 1922 vai estudar em Madrid, na Real Academia de Belas Artes. Sua obra tem início sob a influência da pintura metafísica de Giorgio de Chirico e Carlo Carrà. Dalí é expulso da academia em 1926 depois de acusar seus membros de incompetência para avaliar o valor de seus trabalhos. Foi para Paris, onde se juntou aos surrealistas. Entre 1928 e 1931 Dali participou de exposições, publicou livros e realizou dois filmes com Luis Buñuel, “*O cão andaluz*” e “*A Idade de ouro*”².

¹ WIKIPEDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Salvador_Dalí&oldid=32665469>. Acesso em: 20 jun 2013.

² FUNDAÇÃO GALA-SALVADOR DALÍ. Disponível em: <<http://www.historiadaarte.com.br/surrealismo.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

Dalí associa toda sua criação artística ao encontro com o grande amor de sua vida, Gala. Este era o apelido da bela russa, Elena Diakonova, nascida em 07 de setembro de 1894, em Kazan, na Tartária. Segundo Dalí, Gala lhe apareceu em Cadaques acompanhando o marido, o magnífico poeta, Paul Eluard. “Louco de desejo por ela e a fim de atrair seu olhar, eu raspei as axilas e pinte-as de azul, cortei a camisa, lambuzei-me cola de peixe e excremento de cabra, enfeitei o pescoço com um colar de perolas e as orelhas com um jasmim”, afirma. Quando a encontra no dia seguinte, Dalí é tomado por uma paralisia, sacudido por um riso demente: cataclismo, fanatismo, abismo de terror. No dia seguinte, Gala lhe toma as mãos e diz, segundo Dalí: “Querido, não vamos mais nos deixar”. “Ela foi minha Gradiva, quem cura os terrores, a conquistadora de meus delírios, a amante que atrai minhas forças verticais. Ela é Lêda, a mãe de Helena, irmã imortal de Pólux-Dali, cujo Castor é o irmão genial que tive e que se chamava também Salvador” (PAUWELS, 1968, p. 37).

O pintor faz aqui referência ao mito grego dos irmãos gêmeos, que deu origem à constelação do mesmo nome. Diz: “Encontrei Gala, por amor a ela soube obrigar minha inteligência ao exercício impiedoso da crítica. Por amor, aceitei fazer de uma parte de minha personalidade um aparelho auto analisador e assim pude transformar a corrente dionisíaca em realizações apolíneas, que quero cada vez mais perfeitas. Meu método que chamei de Paranóia Crítica, é a conquista constante do irracional” (ibid).

Dali afirma:

há menos loucura no meu método que método na minha loucura, e por isso continuo a dizer que a única diferença entre um louco e eu, é que não sou louco. Na pele suave da orelha de Gala, o selo, o carimbo da autenticidade de minha paixão, e, sob a forma dessa pastilha sagrada, a hóstia da comunhão paterna. O fato de minha paixão por Gala se concentrar sobre esse ponto, não é somente um efeito de reflexão (ibid).

No mito grego invocado por Dali, Lêda é uma jovem seduzida por Zeus, sob a forma de um cisne. Ora, Lêda era casada com Tíndaro, de quem estava grávida, e, para fugir das investidas de Zeus, transforma-se em uma gansa. É, portanto transformado em cisne, que Zeus a possui. Ainda sob a forma de gansa, Lêda dá à luz dois ovos: um divino do qual nascem Helena e Pólux, imortais, e um humano, mortal, do qual surgem Clitemnestra e Castor (BRANDÃO, 2010, p. 346).

Segundo algumas lendas, os gêmeos se amavam tanto e eram tão unidos que quando Castor, mortal faleceu, os deuses, apiedados, o levaram para o céu, onde aparece para sempre unido a Pólux na constelação do zodíaco chamada Gêmeos. Assim sendo, pela lógica de Dalí,

ele, Pólux, é imortal como sua irmã Helena e está para sempre unido a Castor, seu irmão morto que antes dele foi chamado de Salvador.

Mas, sobretudo não devemos nos esquecer de que Lêda é a mãe do divino Pólux, tal como Felipa Domènech, que deu à luz, com um intervalo de três anos, a dois meninos que foram chamados pelo mesmo nome. Se Gala é Lêda, com ela Dali ou Pólux assume o matrimônio incestuoso, só permitido aos deuses.

Dalí e Joyce.

No entanto, se Gala-Lêda é a mãe incestuosa, amada acima de tudo, é também por Gala que o herói Dali - Pólux vence e devora o pai Zeus, Júpiter na mitologia romana. O tabelião catalão, seu pai, havia se oposto à união do filho com uma mulher casada e de reputação duvidosa. No entanto, Dalí amava o pai e a ele atribuía o papel de rocha maciça, sobre a qual, construía sua paranóia.

À borda desse abismo, eu construiria a fortaleza gelatinosa da paranóia, tendo como apoio na rocha a presença maciça, a força compacta de meu pai, tão vivamente sentida que, quando fiz seu retrato, carreguei-o com muitas camadas de tinta, obcecado pela idéia de que um tal retrato pesa mais que qualquer um outro. Se sou um herói de acordo com os escritos de Freud, é porque me apropriei da força de meu pai. O herói é aquele que se revolta contra a autoridade paterna, acaba por vencê-la, devora o pai, absorve a lei tutelar, o poder sem limites, torna-se ele próprio a Lei, o grande Falo. Entre os primitivos, a refeição totêmica é a representação do parricídio fundamental. Porém, o herói daliliano vai mais longe, absorve o pai, ao mesmo tempo que provoca sua ressurreição em formas múltiplas e idealmente concretas (PAUWELS, 1968, p. 39).

O conflito com meu pai atingiu o paroxismo por causa de Gala. O inflexível tabelião de Figueres opôs-se ao casamento e me fechou sua porta. Dividi-me entre a amargura e a exaltação de meu amor. A amargura vinha pela admiração pelo caráter duro e pela crueldade espanhola de meu pai. A exaltação de meu amor se enriquecia do sentimento intuitivo de que Gala se tornara uma representação sublime e deleitável de meu pai. Assim eu tinha a possibilidade de saborear em Gala meu pai, em pequenos goles suculentos, e, aceitando com entusiasmo ser ao mesmo devorado por Gala, corneava Júpiter duplamente (ibid, ibid).

Ao contrário da crença popular, na psicose não encontramos necessariamente a falta de uma relação com o pai da realidade. Tal como o escritor irlandês, James Joyce, igualmente genial e psicótico, a quem Lacan dedica o *Seminário 23: O Sinthoma*, Dalí tem talvez um excesso de pai. Lacan chega a dizer sobre a obra de Joyce, *Ulisses*, que, muitos estudiosos consideram como o maior romance do Século XX: “Ulisses testemunha que Joyce permanece

enraizado em seu pai, ainda que o renegando. É efetivamente isso que é seu sintoma” [LACAN (1975), 2007, p. 68].

Tal como Joyce, também Dalí renegava o pai que tanto amava. “Todos os dias eu procurava uma maneira de conduzir o meu pai a um paroxismo de cólera, medo ou humilhação e a forçá-lo a me ver, o seu filho, eu Salvador, um objeto de desafeição e vergonha. Eu rejeitava-o, desafiava-o, procurava-o, surpreendia-o, desafiava-o, procurava-o cada vez mais” (apud PIRES).

Os dois grandes artistas, cada um a seu modo, demonstram na sua vida, na sua arte e na sua loucura, que o pai da realidade não é o pai simbólico, e que a forclusão do Nome-do-Pai, termo com o qual Lacan rebatizou a *Verwerfung*, a recusa, mecanismo freudiano que funda a estrutura psicótica, não quer dizer falta de pai ou falta de amor ao pai.

Em 1958 (“*De uma questão preliminar a todo tratamento possível na paranóia da psicose*”), Lacan escreve o Édipo freudiano, a operação do recalque, em matemas, na fórmula da metáfora paterna que inscreve a função do pai no inconsciente. De início o sujeito é uma incógnita (x) que busca sua significação no desejo da mãe (D.M). Ora, o desejo da mãe é interdito ao filho, e o significante Nome-do-Pai (N.P) vem não só metaforizar o desejo da mãe, mas também, recalca-lo

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{x}$$

Como resultado desta operação temos que, com a intervenção simbólica paterna (NP), na linguagem (A), toda significação se remete ao falo, unidade de troca simbólica que articula o laço social:

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left[\frac{A}{\text{Falo}} \right]$$

Nas psicoses, e, portanto na paranóia de Dali, a metáfora paterna não opera, não há recalque primário. Em seu lugar, há o que Freud chamou de recusa (*Verwerfung*), que Lacan traduziu por *Forclusion*, o que em português seria preclusão, termo jurídico que indica uma lei, sentença, etc... que não opera. Lacan quis indicar que na psicose a referência ao Édipo permanece, mas a lei do pai não opera: caiu por decurso de prazo.

Verhaltung, o mecanismo da paranóia

Em sua tese de doutorado, *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*, originalmente publicada em 1932, Lacan recorre a Kretschmer que descreve as determinações puramente psicogênicas da paranóia. Nas causas determinantes do delírio, Kretschmer distingue três elementos: o caráter, o acontecimento ouvido e o meio social. Na paranóia, o caráter responde ao tipo descrito por Kretschmer como sensitivo, “O caráter sensitivo [...] é uma disposição adquirida ao longo do desenvolvimento e no qual certos traumas afetivos determinantes tem um papel muito grande” (LACAN, 1980, p. 89). Diante de acontecimentos com grande carga afetiva, o tipo sensitivo reage de forma intensa. Seu comportamento se distingue por uma falha na condução, que detém a descarga da ação. Lacan nos diz que “a esta detenção corresponde a repressão (*Verhaltung*) na consciência das representações correspondentes” (ibid p. 90).

Em um artigo de 2002, Antonio Quinet retorna a Lacan e Kretschmer, em busca do mecanismo específico da paranóia e diz: “considero que a melhor tradução para *Verhaltung* é retenção, e não repressão (*repression*) como Lacan propõe em sua tese. *Halten* significa parar, deter-se, *Halt!* Uma interjeição que significa “alto lá”. *Verhaltung* corresponde, então, ao necessário de retenção, detenção, contensão, impedimento de algo que se movimenta, ou seja, a interrupção do movimento”. (QUINET, 2002, nota ao pé da p. 12).

Freud não faz referência ao mecanismo da *Verhaltung*, mas, no rascunho K, de 1896, endereçado a Fliess, põe a paranóia em série com a neurose obsessiva e a histeria. Tal como na neurose obsessiva, a experiência traumática do encontro com o sexo, seria, também na paranóia, acompanhada de um excesso de gozo e registrado na memória. Na neurose obsessiva a lei do pai (NP) opera, e a recordação do gozo primeiro com a mãe (DM) é recalcada, proibida. Não é o que se dá na paranóia.

Segundo Colette Soler, à diferença da neurose, na paranóia o sujeito está identificado à fração de metáfora paterna em que o Desejo da Mãe (não barrado) dá significação à incógnita do sujeito (x): DM (SOLER, 2001, p. 239).

x

Quinet nos diz que na paranóia “o significante do Pai (NP) é submetido à *Verwerfung* (Foraclusão) e o significante do traumatismo (St), à *Verhaltung* (Retenção) (QUINET, op. cit. p. 15). O significante do traumatismo é o significante do desejo da mãe, cuja incidência sobre o sujeito o marca indelevelmente. “Diferentemente da esquizofrenia (DMo), na paranóia há o significante do Desejo da Mãe, ou seja, há um significante que corresponde a uma primeira simbolização” (ibid, p. 16). Este significante está retido, parado, não desliza na cadeia

significante, mas é a partir desta determinação simbólica, que o paranóico, tal como Salvador Dali o demonstra, vai poder estabelecer laço social.

O significante do Desejo da Mãe corresponde ao Ideal do Eu, sempre glorioso e exaltado, e sem a operação do Nome do Pai, que garante ao sujeito, alguma auto-crítica, o paranóico fica retido, preso a esta identificação gloriosa e delirante. Diz Dalí:

O anagrama 'avida dollars' constituiu um talismã para mim. Rendeu rendeu generosa ,doce e monotonamente um manancial de dólares. Qualquer dia revelarei toda a verdade sobre a forma de acumular esta bendita cornucópia de Danae. Constituirá um capítulo de um novo livro, muito provavelmente, minha obra prima: Avida de Salvador Dalí considerada como obra de arte (DALÍ, 2003, pp. 955-956).

“Nasci duplo, meu irmão, primeiro ensaio de mim mesmo, gênio extremo e, portanto, inviável, que vivera apesar disso sete anos, antes que os circuitos acelerados de seu cérebro tivessem pegado fogo. Por causa desse Salvado, fui o bem amado que se ama demais”. Dali assevera: “Não há para uma criança, choque mais catastrófico do que o amor em demasia, e esse exagero de amor por causa de um outro, eu mesmo o sentiria com a violência e a extensão que o mundo simbiótico e indiferenciado dos primeiros anos permite” (PAUWELS, 1968, p. 38).

Salvador é o significante que o duplica no espelho, na imagem do irmão morto, o outro Salvador. Detido, capturado neste significante ideal, mas movido, entretanto, por sua arte e seu gênio, Salvador, o Dalí, deixou para o mundo uma obra imortal. Dalí disse: “O homem em face da morte, se não tem o coração grande, toma o partido do homem. Eu tomo o partido de Deus e da eternidade, não sou humanista, acredito na sobrevivência eterna” (PAUWELS, 1968 p. 61).

E tal como Pólux, o gêmeo divino, vive para sempre no Olimpo dos grandes mestres da nossa cultura.

Referências

- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2010 vol. III.
- DALÍ, Salvador. Textos autobiográficos 1. In: *Obra Completa de Salvador Dalí*. Barcelona: Edições Destino, 2003. vol.1.
- FUNDAÇÃO GALA-SALVADOR DALÍ. Disponível em: <<http://www.historiadaarte.com.br/surrealismo.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.
- LACAN, Jacques. *De la psychose paranoiaque dans sés rapports avec la personnalité*. Paris: Colletion Póints, 1980.
- _____. *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2007.
- _____. De uma questão uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- PAUWELS, Louis. *As Paixões segundo Dali*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1968.
- PIRES, Paulo. *Salvador Dali – História*. Disponível em: <WWW.Segundadimensão.com.sapos.pt/historia-sdali,htm>. Acesso em: 20 maio 2013.
- QUINET, Antonio. O número um, o único. In: _____. *Na mira do outro*. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2002.
- RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Bola de Fogo, uma história de amor: o presidente Schreber e sua mãe. In: BORGES, Sônia; ABRAMOVICH, Sheila (Org.). *O amor e suas Letras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- SOLER, Colette. A paranoia no ensino de Jacques Lacan. In: QUINET, Antonio. *Na mira do outro*. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2002.
- WIKIPÉDIA Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Salvador_Dalí&oldid=32665469>. Acesso em: 20 jun 2013.

**SALVADOR!
SOME CONSIDERATIONS ABOUT PARANOIA**

ABSTRACTS: Salvador Dalí was a multiple faced artist. Beyond his wonderful work on painting, he let us many writings. This article is based on some of those writings and on the work of some of his biographers, in order to study the contributions that Salvador Dalí, taken as a "study case", can give to the psychological studies of paranoia.

KEYWORDS: Paranoia. Delusion. Forclusion.

**SALVADOR!
QUELQUES CONSIDERATIONS SUR LE MECHANISME DE LA PARANOIA**

RESUMÉ: Salvador Dalí a été na artiste multiple. Au-delá des ses merveilleuses peintures, il nous a laissé beaucoup des écrits. Cet article parcourt quelques de ses écrits, bien comme quelques de ses biografes pour étudier la contribution que le "Cas Salvador Dalí" peut donner à l'étude de la paranoia.

MOTS-CLÉS: Paranóia. Delire. Forclusion.

Recebido em 19/01/2014
Aprovado em 18/04/2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista
www.psicanaliseebarroco.com.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php
revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista